

**A PREPOSIÇÃO EM NA OBRA DE LUÍS DE STTAU MONTEIRO
ANGÚSTIA PARA O JANTAR E NA SUA TRADUÇÃO INGLESA, *THE
RULES OF THE GAME***

Teresa Alexandra Azevedo Pataco
Escola Superior de Tecnologia e Gestão
Instituto Politécnico de Viana do Castelo
Portugal
tpataco@estg.ipvc.pt

Sinopse

A análise linguística é determinante para a compreensão cabal dos mecanismos gramaticais de qualquer língua e, conseqüentemente, é fundamental para quem lida com a disciplina da Tradução, quer na sua vertente prática, quer na sua vertente teórica. Logo, a perspectiva gramatical é peça central no ensino e na aprendizagem, quer de um falante nativo, quer de um falante não-nativo. A descrição estratificada (bem como a simplificação que daí advém) de uma linguagem segundo áreas específicas é muito eficaz em termos pedagógicos, sobretudo porque as gramáticas evoluíram muito no sentido de utilizarem textos reais, de funcionalidade prática. Este trabalho assentou, num primeiro momento, numa teorização normativa tradicional das preposições de lugar e tempo que permitiu, depois, evoluir para uma análise conceptual dos exemplos retirados de *Angústia para Jantar* e da sua tradução inglesa, *The Rules of the Game*. Ficou, por fim, claro que as regras gramaticais podem explicar o pensamento humano, o que enfatizou o papel central que a linguagem desempenha na relação *Mente/ Cérebro*.

Palavras-Chave: Tradução; Semântica Cognitiva; Preposições de Lugar e Tempo.

A relevância da análise linguística para uma melhor compreensão dos mecanismos gramaticais de qualquer língua é ponto assente para aqueles que lidam com a disciplina da Tradução, quer na sua vertente prática, quer na sua vertente teórica. Assim, a pesquisa bibliográfica para este trabalho começou por ser dirigida

sobretudo a obras de pendor eminentemente teórico-gramatical, onde seria possível encontrar respostas em forma de princípios normativos para o porquê de uma tradutora inglesa escolher de entre um grande número de opções uma preposição específica para verter a preposição *em*. Esta análise gramatical mostrou-se a partir de determinado momento um pouco insatisfatória, porque não podia dar resposta à pergunta que subrepticamente se começava a desenhar: “o que é que estava para lá das regras gramaticais que fazia com que, por exemplo, em inglês houvesse uma noção tri-dimensional de espaço representada por um conjunto de preposições, noção essa que em português não requer preposições distintas?” Foi neste espaço que se tornou claro que a resposta poderia estar numa área mais recente da linguística, a gramática cognitiva.

O trabalho organizou-se então de forma quase natural: partindo de uma teorização normativa tradicional foi avançando nos capítulos subsequentes para o levantar de algumas questões de foro conceptual e até psicológico que os exemplos analisados pareciam justificar e que nos levaram até à problemática da importância que a linguagem tem para o debate polémico e muito actual que é o da relação Mente/Cérebro. Não podemos, no entanto, deixar de esclarecer que as respostas (ou tentativas de resposta) que articulámos são (apesar de baseadas em leituras que nos pareceram suportar tais hipóteses) obrigatoriamente apenas uma pequena amostra da problemática da relação das estruturas linguísticas e da natureza do pensamento humano.

1. Perspectivação teórica da categoria das preposições

As línguas são hoje consideradas sistemas altamente complexos onde se representam realidades concretas através de códigos de comunicação. O desejo de compreender a forma como estes sistemas funcionam conduziu à sua estruturação, a uma tentativa de descrever estes fenómenos com base em nomenclaturas específicas que permitissem a sistematização de características e funções. Assim, pode ser observado em qualquer sistema linguístico a existência de um plano lexical e a de um plano gramatical, que co-existem e se “influenciam” ao mesmo tempo que determinam o modo como cada comunidade linguística reporta o mundo à sua volta.

Ao principiar este trabalho, tornou-se desde logo óbvio que a consulta de gramáticas seria indispensável à compreensão e definição do papel desempenhado pelas preposições nas duas línguas, enquadrando-as de início no plano gramatical acima mencionado. Tradicionalmente, a gramática encerra um aspecto morfológico e outro sintáctico, sendo que o primeiro define a estrutura das palavras (aquí tidas como unidades mínimas que carregam significado e função) e a forma como podem ser divididas em categorias segundo as funções que desempenham dentro da frase. Assim, as preposições constituem uma categoria gramatical fechada e semanticamente exprimem uma relação entre diferentes elementos do enunciado (designadamente entre os elementos antecedentes e os consequentes). Para além desta definição em comum, as duas línguas aqui analisadas também consideram que dentro da categoria das preposições há duas subdivisões: as preposições simples (quando são constituídas por um só vocábulo) e as complexas (quando são constituídas por dois ou mais vocábulos). A preposição que é objecto de análise neste trabalho insere-se no grupo das preposições simples, mas é também elemento recorrente de expressões complexas.

1.1 Alguns dados teóricos sobre a preposição *em*

Ao analisarmos a preposição *em* vemos que, tal como muitas outras preposições, também ela se contrai com os artigos definidos (*no, na, nos, nas*), com os artigos indefinidos (*num, numa, nuns, numas*), pode surgir sozinha para exprimir uma qualquer relação dentro do enunciado (“*Querem ver que estou em casa dele?*”)¹, associar-se a advérbios formando locuções adverbiais (*em cima*) ou ainda a outras preposições para formar locuções prepositivas (*em vez de*). No caso das locuções adverbiais e das locuções prepositivas, o valor da preposição é atribuído pelos elementos que se encontram antes e depois dela, ou seja, o significado do enunciado só é totalmente apreendido se avaliarmos estes elementos gramaticais como um todo indivisível. O mesmo é válido para os casos em que a preposição é complemento obrigatório de um verbo (*pensar em*), de um adjectivo (*baseado em*) ou de um substantivo (*crença em*), situações comunicativas onde a preposição não tem

¹ Todos os exemplos dados ao longo deste trabalho foram retirados de: MONTEIRO, Luís de Sttau. *Angústia para o Jantar*. Lisboa: Edições Ática, 1961.
MONTEIRO, Luís de Sttau. *The Rules of the Game*. Trad. Ann Stephens. London: Putman & Co. Ltd., 1964.

expressão semântica independente e onde apenas o todo tem valor, podendo-se mesmo descrever as relações que se estabelecem entre estes elementos como *relações sintácticas fixas*.² No entanto e apesar de a preposição *em* revelar valores semânticos e usos múltiplos que podem ser observados na performance linguística dos falantes, é possível determinar certas significações básicas a partir das quais se torna viável estabelecer análises comparativas ao nível da morfologia e da sintaxe entre a língua portuguesa e a língua inglesa. Assim, temos que a preposição *em* pode exprimir um conteúdo significativo de movimento espacial, temporal e nocional, bem como um conteúdo significativo de situação (ausência de movimento) espacial, temporal e nocional³ (devido às limitações de espaço inerentes a um trabalho desta natureza, os conteúdos significativos de espaço e situação nocionais não serão aqui examinados). Esta enorme variedade de significados que a preposição *em* causa é passível de expressar faz com que a tradução inglesa recorra a diferentes processos linguísticos para transmitir toda a informação da língua de partida. São estes processos que vão ser agora analisados.

2. Análise dos exemplos recolhidos

Ao iniciar esta apreciação prática não podemos deixar de referir que o trabalho de recolha de exemplos foi muito facilitado pelo facto de a obra e da respectiva tradução existirem em formato electrónico. Além de o processo de coligir dados ter sido muito mais rápido, também a sua contabilização para fins estatísticos é mais fiável. Quanto à forma que o trabalho assume nesta segunda fase, gostaríamos de referir que as nossas decisões foram bastante influenciadas pela sistematização que Celso Cunha e Lindley Cintra fazem dos possíveis significados das preposições em português na sua obra *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, e pelo livro entitulado *Semantics and Cognition* de Ray S. Jackendoff, que, apesar de não ser uma gramática no sentido tradicional e normativo do termo, introduz conceitos determinantes ao nível das relações sintáctico-semânticas. Jackendoff expõe claramente uma teoria de generalização de determinadas formas gramaticais e lexicais a partir de determinados campos semânticos, onde se incluem as preposições. Este

² CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1990. Pp. 556.

³ CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. *Op. Cit.* Pp 554.

autor sublinha também a necessidade premente de se estabelecer as categorias # *path*# e # *place* #⁴ (que corresponderiam de certa forma aos conteúdos significativos de movimento no espaço e de situação no espaço propostas por Celso Cunha e Lindley Cintra) como entidades com existência autónoma uma da outra, baseando esta sua ideia na análise de frases que criam ambiguidades ao nível da escolha de uma estrutura conceptual que as defina. Na prática, estas são frases que, apesar de terem a mesma preposição indicadora de espaço, têm valores semânticos distintos conforme a preposição em causa surja depois de um verbo de movimento ou de um verbo de situação, por exemplo: “ *At the top he took a key from his pocket and inserted it in a lock.*” e “ *Where do these chaps go after supper, who don’t have to be in the office at set hours?*”.

A partir das conclusões apresentadas nesta obra, tornou-se mais fácil apreciar como é que as duas línguas em questão orquestram sistemas de referência temporal e espacial de maneiras por vezes tão distintas.

2.1 Análise dos significados da preposição *em* enquanto preposição simples

Tal como já foi referido, a preposição *em* encerra múltiplos significados, factor que de certo dificultou o trabalho de tradução, uma vez que os sistemas gramaticais recorrem a formas substancialmente diferentes de organização espacial e temporal. Portanto, o objectivo principal será o de comparar os métodos usados para avaliar e expressar noções tão importantes como *movimento* e *situação*, bem como o *espaço* e o *tempo* que obrigatoriamente temos que associar àqueles.

a) Movimento no Espaço

Neste nível de conteúdo significativo estão incluídos todos os verbos que implicam deslocação/ acção seguidos da preposição *em*, quer na sua forma primeira, quer contraída com os artigos definidos e com os artigos indefinidos. Há um total de 150 ocorrências que preenchem os requisitos desta categoria e da qual fazem parte verbos que exigem a preposição *em* (as já referidas relações sintácticas fixas) quando são transitivos, como por exemplo *pegar em* ou *entrar em*. A decisão de os incluir nesta subclassificação deve-se ao facto de a categoria ontológica #*movimento*#⁵ ser mais relevante para a tarefa que este trabalho se propõe do que uma estrita análise

⁴ Vide JACKENDOFF, Ray S. *Semantics and Cognition*. Massachusetts: The MIT Press, 1985. Pp 161.

⁵ *Idem*, Pp. 51.

sintáctica que descaracterizaria o âmbito da pesquisa levada a cabo. Não se pretende com isto rejeitar uma avaliação daquele tipo, até porque semântica e sintaxe são áreas complementares.

Da análise comparativa do original *Angústia para o Jantar* e da sua tradução para inglês destacam-se alguns aspectos linguísticos que nos permitem estabelecer determinados princípios no modo como as duas culturas transmitem nas respectivas línguas conceitos de movimentação no espaço. A preposição *em* é muitas vezes traduzida pela preposição *in*, mas obviamente que tal escolha não é ditada pela semelhança fonológica das duas preposições. A explicação encontra-se no facto de a preposição *em* determinar nesses casos específicos um tipo de espaço que é visto em inglês como descrevendo uma área, o que obriga ao uso de *in*.⁶ A compreensão de como as preposições inglesas “descrevem” a dimensão espaço é de suma importância não só para uma descrição cabal da noção de situação no espaço mas também para a noção de movimento, porque o tipo de espaço não deixa de ser caracterizado pelos falantes nestes casos. Nos exemplos analisados, a diferença entre a ideia de superfície e a ideia de área (tal como são descritas por Randolph Quirk e Sidney Greenbaum) ficou bem clara na distinção feita pelo uso da preposição *on* no primeiro caso e pelo uso da preposição *in* no segundo. Assim temos que a frase “*Alexandra beijou-o levemente na boca.*” é traduzida por “*Alexandra kissed him lightly on the lips.*” No entanto como exemplo mais flagrante desta distinção do valor descritivo das preposições em inglês é a forma como o verbo *sentar-se em* se transforma em *sit down on* ou *sit down in* conforme o objecto que segue a preposição é um sofá ou uma poltrona: “*Sentaram-se os dois em frente um ao outro, ela no sofá e ele numa poltrona.*” = “*They sat down one in front of the other, she on the sofa and he in an armchair.*” (Um aspecto interessante do ponto de vista da fidelidade desta tradução ao original é a utilização sistemática de um indefinido a seguir à preposição sempre que no original a preposição se apresenta contraída com um artigo indefinido). O mesmo acontece com verbos que descrevam a movimentação de um objecto em relação a uma área ou a uma superfície: “*António encheu os copos de vinho e pôs a garrafa vazia no chão.*” = “*António filled their glasses with wine and put the empty bottle on the floor.*” e “*O Santos voltou a fechar o jornal, que dobrou e meteu no bolso.*” =

⁶ Vide QUIRK, Randolph; GREENBAUM, Sidney; LEECH, Geoffrey; SVARTVIK, Jan 1985. *A Comprehensive Grammar of the English Language*. London and New York: Longman. Pp 674.

“*Santos closed the paper again, folded it up and put it in his pocket.*” (Note-se a necessidade de em inglês deixar claro a quem pertence o bolso, no que é um ótimo exemplo dos diferentes métodos de referência a que as duas línguas recorrem).

Nesta subdivisão há ainda que salientar as situações em que a escolha do tradutor não se circunscreveu apenas às preposições. Este é o caso das instâncias comunicativas em que o verbo que precede a preposição em português obriga a que tenham que ser feitas determinadas escolhas gramaticais em inglês onde a correspondência sintáctica directa entre as duas línguas deixa de ter lugar. É isto que acontece com *entrar em*, que é algumas vezes traduzido pelos verbos posicionais *get into* e *go into* (onde há uma correspondência directa em termos de elementos e até de valor gramatical), mas que na maioria das vezes aparece em inglês expresso simplesmente pelo verbo *enter*. Apesar de *go into* e *enter* terem o mesmo valor semântico, a verdade é que o segundo lexicaliza de maneira diferente a ideia de introdução num espaço, ou seja, o verbo expressa a ideia de movimento ao mesmo tempo que indica o tipo de espaço no qual o sujeito passa a encontrar-se, sem necessidade da mediação de uma preposição entre o verbo e aquilo a que Jackendoff chama *reference object*⁷, o complemento da preposição. Não podemos deixar de referir uma frase muito interessante do ponto de vista da teoria da tradução, na qual *entrar em* sofre não só uma tradução interlingual, mas também o que me parece ser uma tradução intralingual⁸: “*Entraram no restaurante às oito e dez, de braço dado e a rir.*” = “*They made their entrance at ten past eight, arm-in-arm and laughing*”.

O processo de lexicalização acima referido pode ser observado na frase que é tradução de “*Meteu o isqueiro no bolso, com um gesto violento*” = “*He pocketed his lighter brusquely*”. Também aqui o verbo não só indica o movimento como o lexicaliza de forma tão “completa” que não há em inglês a necessidade de referenciar nem a preposição, nem o complemento preposicional “*bolso*”. O *phrasal verb pick up* sistematicamente escolhido para traduzir o verbo *pegar* regido pela preposição *em* sofre um processo idêntico, já que o advérbio *up* não exerce aqui nenhum tipo de função preposicional (não é correspondente a *em*), mas sim uma função de significado que conjugada com o verbo *pick* transmite a ideia de *agarrar*.

⁷ JACKENDOFF, Ray S. *Op.cit.*, Pp 161.

⁸ Vide BASSNETT, Susan. *Translation Studies: Revised Edition*. London: Routledge, 1991. Pp 14.

Como último exemplo determinante das diferenças de conceptualização de movimento no espaço existentes em português e inglês seleccionámos as seguintes frases: “A esta hora, nas margens do Sena e nos relvados do Embankment, passeiam pares de mãos dadas...” = “At this time, along the banks of the Seine or on the grass besides the Thames Embankment, there would be couples walking hand in hand...”. A partir deste exemplo pode-se apreciar a forma como em inglês se estabelece uma noção espacial a que Jackendoff chamou *route*⁹ na qual o complemento da preposição está relacionado com determinado ponto no interior do espaço referido, enquanto que em português essa ideia é transmitida apenas pelo significado que a palavra *margem* encerra.

b) Situação no Espaço

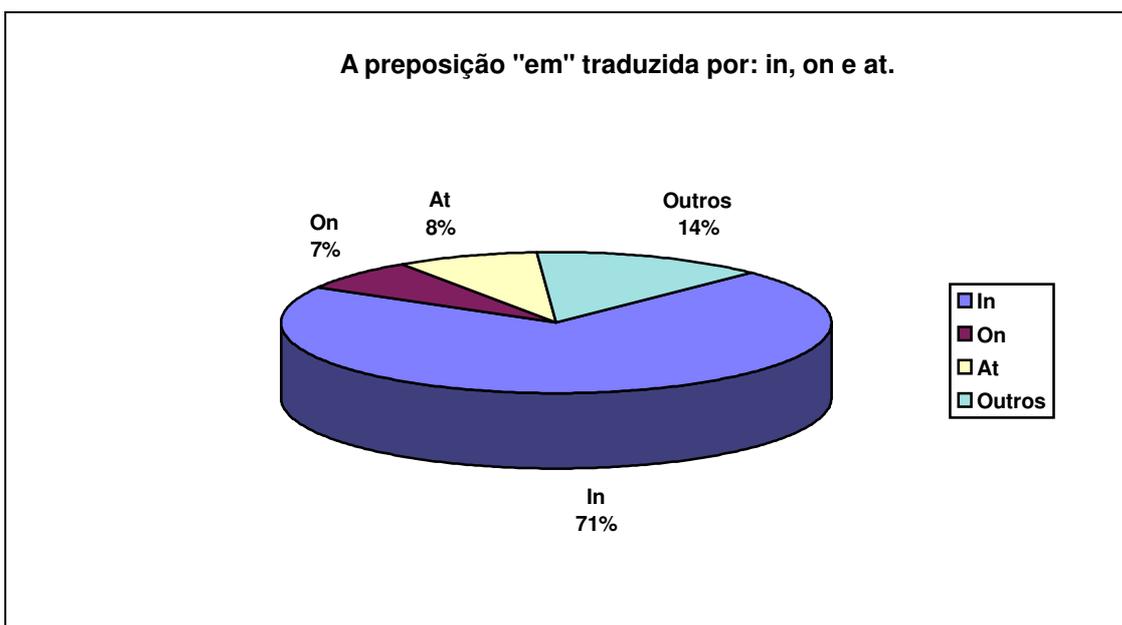
Dentro desta subclassificação cabem 318 enunciados nos quais a preposição *em* expressa claramente uma existência espacial, sendo que essa mesma preposição segue, na maioria das vezes, um verbo copulativo ou um outro verbo cujo significado genérico é o de estado. Tal como já vimos anteriormente, em inglês as preposições indicadoras de espaço carregam uma propriedade dimensional que é reflexo da forma como os falantes formulam conceitos de organização espacial e também temporal. Esta realidade teve como consequência prática na tradução analisada o uso alternado das preposições *in*, *on* e *at* para transportarem a informação espacial que em português é emitido unicamente pela preposição *em*, o que é resultado directo da divisão das preposições em três tipos dimensionais.¹⁰ “Pois fica sabendo que em França já fui a sítios onde nunca puseste os pés, ouviste?” = “I’ve been to places in France where you never so much as set foot, do you hear?”, onde a apreciação do objecto (França) é feita a um nível tri-dimensional que tem ligações óbvias com a realidade física; “Cada vez se torna mais difícil distinguir entre a cartada imposta pelo jogo que está na mesa...” = “Each time it becomes more difficult to distinguish between the move determined by the cards on the table...”: aqui a ideia de uma mesa como uma superfície com qual o objecto está em contacto determina a bi-dimensionalidade da preposição *on*. “Na paragem meteu a mão ao bolso e deu com o cartucho das castanhas.” = “At the bus stop he put his hand in his pocket and felt

⁹ JACKENDOFF, Ray S. *Op. cit.* Pp. 165.

¹⁰ Vide QUIRK *et al.* - *Op. cit.* Pp. 674.

the bag of chestnuts there”: nestas frases a preposição *at* descreve um ponto em relação ao qual a posição do sujeito é descrita, quase como se víssemos essa localização na superfície plana de um mapa. Jackendoff vê esta problemática do “ponto de vista” das preposições, isto é, são as preposições que funcionam como restrições selectivas ao exigirem que o seu objecto referencial seja tido como área, superfície ou ponto.¹¹

Uma outra distinção feita com regularidade é a da utilização da preposição *at* com a palavra *home* e o uso de *in* com a palavra *house*, escolha para qual não se encontra nenhuma explicação gramatical e que parece ser resultado mais de convenção do que de uma excepção à conceptualização tri-dimensional de espaço já descrita: “*Virás aqui para depois, em casa, pensares contigo mesmo que continuas fiel às tuas amizades do liceu.*” = “*Do you come here perhaps so that afterwards at home you can feel you have stayed true to your old school friends.*” e “*Não havia um tostão em casa.*” = “*There wasn’t a brass farthing in the house.*”



O facto de numa operação de tradução a correspondência de significado nem sempre equivaler a uma correspondência estrita ao nível das classes gramaticais é já tema muito debatido na teoria da tradução (apesar de, por coincidência, todas as frases referidas até aqui serem exemplo dessa correspondência semântico-sintáctica). Os advérbios, com a sua função mais característica de acrescentar valor semântico ao

¹¹ JACKENDOFF, Ray S. *Op.cit.* Pp. 162.

verbo, são elementos gramaticais que têm aqui lugar enquanto tradução da preposição *em*. A classe dos advérbios em inglês realiza uma enorme variedade de funções sintáticas, mas é a sua multiplicidade de significados que é determinante para este trabalho. Esta capacidade possibilita, por exemplo, que a preposição *em* seja traduzida pelo advérbio *here*, um advérbio que morfologicamente é simples e que quanto ao tipo de significado pertence à categoria dos advérbios circunstanciais indicadores de posição no espaço.¹² “*Deixaste-me em casa e foste jantar com a família.*” = “*You left me here and went home to have dinner with the family.*” Em termos semânticos (que aqui se parecem opor a uma análise sintáctica estrita) é deveras interessante a afirmação que Jackendoff faz acerca desta partícula: “*Different PPs correspond to place concepts in different ways. The intransitive preposition “here” expresses a #Place# all by itself...*”.¹³ Mas para além da tradução de *em* por um advérbio simples, também acontece por vezes que nessa operação de troca de signos linguísticos um advérbio composto (porque no original a preposição não tem valor por si só, mas sim num conjunto específico) seja escolhido. A este advérbio não poderia ser estranho um valor espacial: “*...sentes-te à vontade em toda a parte e não tens complexos de espécie alguma.*” = “*...you feel at ease anywhere and have none of the countless complexes others suffer.*” , “*Tenho a impressão que já o vi em qualquer sítio.*” = “*I can’t help feeling I’ve seen you somewhere.*”

c) Situação no Tempo

As preposições são uma ferramenta linguística indispensável quando há a necessidade de se expressar a noção de tempo. A forma como as línguas organizam esta expressão temporal está tão próxima da que é utilizada pelos falantes quando referem noções espaciais que para muitos linguistas o uso das preposições com conteúdo significativo de tempo é como que uma metáfora produzida a partir das segmentações espaciais. Jackendoff afirma: “*...temporal expressions define a one-dimensional “pseudospace”, the well-known time-line.*”¹⁴

Em português recorre-se à preposição *em* para conceptualizar uma série de conceitos temporais, como por exemplo para designar pontos específicos ou períodos,

¹² Vide DOWNING, Angela and LOCKE, Philip *A University Course in English Grammar*. London: Prentice Hall International Ltd., 1992. Pp. 551.

¹³ JACKENDOFF, Ray S. *Op.cit.* Pp. 162.

¹⁴ JACKENDOFF, Ray S.-*Op. cit.*. Pp. 189.

no que é uma característica idêntica ao processo espacial já analisado: “Disse-lhe eu mesmo no dia do enterro do António.” e “Não fui capaz de uma só coisa decente em toda a minha vida.” As preposições a que a tradutora recorreu na maioria das situações foram precisamente *at*, *on* e *in*, que têm um evidente paralelismo com o significado que expressam ao nível espacial, se bem que aqui Quirk *et al.* apenas lhes reconheçam dois tipos dimensionais: “*point of time*” e “*period of time*”.¹⁵ A preposição *at* é usada para especificar um ponto definido do decurso daquilo que concebemos como o evoluir temporal: “*Resolvera dizer aquilo para que Alexandra, na primeira oportunidade, lá quisesse ir.*” = “...and had said so merely in order that Alexandra should want to go there at the first opportunity.” ; enquanto que *on* dá aos dias da semana o valor de período de tempo: “*Sabem quem eu vi no Domingo?*” = “*Guess who I saw on Sunday?*”, mas na tradução de “...casaram e no dia seguinte veio o homem exigir a segunda prestação da mobília do quarto” = “*They married and the next day the man called for the second installment of the bedroom furniture.*” a preposição desaparece devido à impossibilidade gramatical de estarem presentes (quando indicadoras de um tempo específico) imediatamente antes de termos deícticos como *next* ou *last*. Já a preposição *in*, por regra, aparece associada a períodos temporais maiores que o dia: “*Morro no Inverno.*” = “*I shall die in Winter.*” (a preposição *during* é um substituto frequente de *in* neste sentido: “*Passa os Verões na praia e tem a casa aquecida no Inverno.*” = “*He spends his Summers on the beach and has heating in the house during the Winter.*”)

A preposição *em* pode também iniciar uma oração adjectiva explicativa¹⁶, isto é, uma extensão da oração principal onde através desta preposição simples, do pronome relativo *que* e de uma forma adjectival se complementa o significado dessa oração principal. Esta associação da preposição com o pronome relativo é, por regra, transposta para inglês por uma frase relativa não-restritiva¹⁷ na qual a preposição

¹⁵ QUIRK *et al.* *Op. Cit.* Pp. 687.

¹⁶ CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. *Op. cit.* Pp. 347.

¹⁷ DOWNING, Angela and LOCKE, Philip. *Op. cit.* Pp. 284.

existente no original deixa de ter lugar. Este processo de eliminação acontece porque o pronome relativo *when* refere por si só a expressão de tempo especificada na oração dominante, o que faz com que o recurso a uma preposição com o objectivo de clarificar o sentido temporal seja redundante (no entanto é possível em quase todas as situações substituir *when* por *in which*). Nos exemplos retirados de *The Rules of the Game* as orações relativas são todas de carácter atributivo restritivo (orações nas quais a informação que vem depois do relativo é fundamental para a identificação do sujeito ou da situação que está a ser descrita), o que acontece porque as orações segundas são precedidas por substantivos que encerram um significado temporal (*day, times, moment*): “*Vestidos úteis e práticos para os dias em que o seu amante a vai despir. = Practical clothes for days when your lover is going to undress you. , Bendita a hora em que entrei no bar! = What a blessed hour it was when I entered that bar., Há dias em que não me importo de te ouvir, mas há outros em que não tenho paciência nenhuma. = There are some days when I don’t mind, but there are others when I haven’t any patience at all.”*

2.2 Análise dos significados da preposição em enquanto elemento de formas compostas

Como já foi anteriormente referido, as preposições simples têm a capacidade de se associar a outras classes gramaticais por forma a construírem grupos coesos semântica e sintacticamente, como é o caso das locuções prepositivas e das locuções adverbiais.

a) Locuções Prepositivas

Estas associações resultam da ligação de um substantivo ou de um advérbio a uma preposição, havendo ainda locuções prepositivas que são constituídas por duas preposições e um advérbio, sendo que o último vocábulo é sempre uma preposição simples. Em inglês as preposições compostas também se podem subdividir em dois grupos: um grupo onde encontramos sequências de dois vocábulos e um outro, o mais numeroso, onde as sequências são de três vocábulos. A variedade de significados que daqui resulta é considerável e, do ponto de vista da análise contrastiva dos dois textos

em que este trabalho se baseia, verificaram-se várias semelhanças de organização mental do espaço e do tempo muito interessantes.

Ao nível do significado espacial, as diferentes locuções prepositivas que é possível encontrar em *Angústia para o Jantar* e das quais a preposição *em* é elemento obrigatório no princípio ou no fim, qualificam não só acções que pressupõem movimento, como também verbos de estado que encontram correspondência sintáctica quase directa em inglês: *Voltou a encher o copo e encostou-se para trás na cadeira.* = *He filled his glass again and leant back in his chair.* , *No meio do quarto o marido sorriu.* = *Gonçalo smiled as he stood there in the middle of the room.* Mas a locução prepositiva que é mais recorrente ao longo do texto é sem dúvida *em frente de* (preposição + advérbio + preposição), vertida maioritariamente para *in front of*, que tem um valor não de posição absoluta (não se trata aqui de uma locução prepositiva que identifique um espaço por si só) mas sim de posição relativa, isto é, a posição de uma qualquer entidade só é reconhecível porque se estabelece um paralelo com a situação espacial de outra entidade; senão vejamos: *O táxi parou em frente da casa.* = *The taxi stopped in front of the house.*, *Que direito tinha aquele idiota de se sentir à vontade em frente de estrangeiros...* = *What right had that idiot to feel at ease in front of foreigners....* Contudo, há um exemplo de uma transformação desta locução prepositiva numa preposição simples na língua de chegada, facto que resulta numa alteração no registo de linguagem, já que *before* tem o mesmo significado que *in front of* mas a um nível formal: *Em frente de uma chama é-me difícil mentir.* = *It's difficult to be before a flame and lie.*

As locuções prepositivas *em cima de* e *em direcção a* já não encontram uma correspondência gramatical com o tipo de preposição que é eleito para transpor o seu significado: ambas são traduzidas por uma preposição simples, *on* e *towards*, respectivamente. A preposição *on* parece ser a opção mais natural se tivermos em consideração todo o conceito de dimensionalidade exposto no capítulo referente às preposições simples, isto porque enquanto que em português há por vezes a necessidade de clarificar a preposição *em* com o advérbio *cima* de forma a que a ideia de espaço seja de facto referente a uma superfície, em inglês a preposição *on* transporta desde logo esse sema, de tal maneira que nas seguintes frases o uso de *on top of* (tradução literal de *em cima de*) pareceria exagero: *Um criado avançou, pegou no copo que ela deixara em cima da mesa e entregou-lho.* = *A waiter approached, picked up the glass she had left on the table and put it before her.*, *Foi nesse momento*

que António viu o retrato de Gonçalo, numa moldura verde, em cima da mesa. = *It was at this moment that António saw Gonçalo's photo, in a green leather frame, on the table*. No que se refere a *towards*, esta é uma preposição que quando tomada no seu sentido real aparece associada a verbos de acção de forma a exprimir um tipo de movimento que é identificado pela sua relação com uma entidade que será o ponto limite a atingir no percurso específico indicado pelo verbo. Em termos de significado, esta preposição pode ser parafraseada por *in the direction of*, que tem óbvias relações sintácticas e formais com *em direcção a*, mas que tal como acontece com *on top of* pareceria nas situações concretas descritas no texto talvez menos natural: *Esperou que ela desaparecesse, antes de arrancar, e seguiu pela Rua Borges Carneiro em direcção à Calçada da Estrela*. = *...and waited for her to disappear before driving off up Rua Borges Carneiro towards Calçada da Estrela*.

Para além do significado espacial, a preposição *em* também está presente em locuções prepositivas com valor temporal, valor esse que é quase sempre referente a um momento que se salienta algures dentro de um período temporal. Estas locuções prepositivas encontram uma tradução muito próxima não só semântica mas também sintacticamente, uma vez que temos uma preposição composta por três vocábulos dos quais faz parte a preposição *in*, facto que é justificado pelos significados referentes a período temporal que aquela partícula encerra: *Não se põe um homem fora de casa, no meio da noite, como se fosse um cão*. = *You don't sling a man out of the house in the middle of the night as if he were a dog*. Há ainda que referir uma outra locução prepositiva que encontra correspondência em termos de tipologia mas que, devido aos significados dimensionais que também são válidos para a ideia de tempo, não tem na sua tradução a preposição *in* mas antes a preposição *at*: *Já estamos no fim do mês?* = *Are we at the end of the month again?*.

b) Locuções Adverbiais

Este tipo de composição resulta da junção de dois ou mais termos que, ao caracterizarem um verbo ou toda a enunciação, desempenham funções de advérbio; as locuções adverbiais têm obrigatoriamente na sua constituição uma preposição, que pode ser seguida, nas formações mais simples, de um substantivo, de um adjetivo ou de um advérbio. A associação da preposição *em* ao substantivo *silêncio* pode ser lida algumas vezes ao longo de *Angústia para o Jantar*, e da mesma forma pode-se apreciar a sequência preposição/substantivo na tradução inglesa, onde também estas

duas palavras caracterizam o verbo que as precede: *Beberam o resto da garrafa em silêncio.* = *They drank the rest of the bottle in silence.*, *Desceram as escadas em silêncio...* = *They walked down the stairs in silence...*

A locução adverbial *em cima* (preposição + advérbio) encerra um significado eminentemente espacial, que em inglês é transmitido pela preposição *at* e pelo substantivo *top*: *Já lá em cima, tirou uma chave do bolso...* = *At the top he took a key from his pocket...* Mas tal como acontece com os advérbios, as locuções adverbiais podem encerrar um significado de modo, onde se descreve a forma como um qualquer processo se desenrola: *Tentara, em vão, mostrar que não lhe faltava coragem e audácia para enfrentar a vida.* = *He had tried, in vain, to show that he did not lack courage and daring with which to face life.*

Apesar do exemplos referidos contarem bastantes ocorrências, o grupo das locuções adverbiais é no entanto maioritariamente preenchido por locuções imbuídas de conteúdo temporal, como é o caso de *em diante* e de *de vez em quando*. Estas expressões englobam um conteúdo significativo que até aqui não foi analisado, o de movimento no tempo; descrevem por si só uma evolução temporal a partir do ponto mencionado (*Falhara-lhe o golpe e daí em diante estava nas mãos de Gonçalo.* = *His plan had misfired and he had the feeling that from now onwards he was going to be in Gonçalo's hands.*) ou então acontecimentos pontuais que se repetem no continuum temporal (...*sorrindo de vez em quando para fingir que estavam a conversar.* = *...and smiling from time to time to give the impression that they were talking.*) A locução adverbial *de vez em quando* tem das estruturas internas mais complexas (preposição + substantivo + preposição + advérbio) e na sua transposição para inglês o significado inerente de movimento no tempo é relatado pela expressão temporal fixa *from time to time*, que é constituída por duas preposições (*from* e *to*) e por um substantivo que se repete (*time*) de forma a salientar pontos específicos no tempo em que uma acção se repete. Mas, para além desta expressão fixa, a tradutora também recorre a um advérbio de tempo, *occasionally*, que, para além de ter a função de adjunto adverbial, transmite o conteúdo significativo pretendido através de uma estrutura mais simples: “*De vez em quando, a escuridão era cortada pelos faróis de um automóvel...*” = “*Occasionally, the darkness was penetrated by the lights of a car.*”

3. Conclusão

Um trabalho com as dimensões deste não pode ter pretensões a conseguir delimitar e descrever senão uma pequena parte do que o tema que se propôs analisar encerra. No entanto, parece-nos muito interessante que a partir de uma análise comparativa que começou por ter uma aplicação sobretudo prática se consiga caminhar para áreas maiores e mais complexas. Com o evoluir do trabalho, tornou-se claro que, apesar de se poder classificar as preposições nas duas línguas analisadas como classes gramaticais bem definidas e para as quais existem regras que determinam o seu uso correcto (tal como é definido pelos modelos padrões respectivos), a compreensão cabal das suas funções na linguagem passa não só pelo conhecimento ou intuição dessas regras, mas também pela consciência de que as regras gramaticais fazem parte de um todo que é a linguagem.

A perspectiva gramatical é determinante para o ensino e aprendizagem, quer de um falante nativo, quer de um falante não-nativo. A descrição estratificada (bem como a simplificação que daí advém) de uma linguagem segundo áreas específicas revelou-se muito eficaz em termos pedagógicos, sobretudo porque as gramáticas evoluíram muito no sentido de utilizarem textos reais, de funcionalidade prática. É esta perspectiva menos rígida a nível normativo que pode ser apreciada em algumas obras que serviram de base às conclusões deste trabalho, designadamente os trabalhos de Quirk *et al.* e de Celso Cunha e Lindley Cintra. As suas gramáticas, apesar de manterem uma organização e divisões tradicionais, afirmam também a necessidade de não se perder a perspectiva global da função comunicativa da linguagem e o uso real que os falantes dela fazem. Foi a partir de algumas das suas descrições gramaticais que nos foi possível estruturar morfológica e semanticamente a preposição *em* nos exemplos encontrados em *Angústia para o Jantar*, bem como compreender o papel de tri-dimensionalidade que *in*, *on* e *at* reclamam por si só. Esta estruturação e significados básicos deram-nos as bases necessárias para poder dar mais um passo determinante e ficar a conhecer um pouco da teoria cognitiva.

Com a obra de Ray Jackendoff, abriram-se as portas da semântica e apercebemo-nos que as regras gramaticais podem explicar algo para lá da linguagem, o pensamento humano. A partir daqui, em vez das diferenças foram as semelhanças na forma de conceptualizar o mundo e determinados conceitos (o tempo, o espaço e o movimento) que passaram a orientar a análise dos textos. Esperamos que este trabalho deixe alguns desses conceitos esclarecidos e justificados por exemplos retirados de

uma obra literária e da sua tradução, que são elas próprias exemplos de actos comunicativos.

4. Anexos

VERBOS REGIDOS POR PREPOSIÇÃO

1. acreditar em	to believe in someone
	to trust someone
2. aparecer em	to appear in
3. assentar em	to be based on
4. confiar em	to trust
5. consistir em	to lie in
6. dividir em	to divide
7. empenhar-se em	to engage in
8. escrevinhar em	to scribble into
9. falar em	to speak about /of
	to talk about
	to mention
10. insistir em	to keep on about something
	to insist on
11. pensar em	to think about
	to think on
	to consider
	to think of
12. reparar em	to notice
13. tocar em	to touch
14. transformar-se em	to become

ADJECTIVOS SEGUIDOS DE PREPOSIÇÃO

1. baseado em	based on
2. escrito em	written in
3. transformado em	made from
4. rico em	abounds in
5. decorada em	decorated in
6. interessado em	interested in
7. empastado em	plastered in
8. escondido em	hidden on
9. pendurado em	hanged from

